



# EU, PROFESSOR: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NA EPT

Erismar Nunes de Oliveira<sup>1</sup>, Maria Lúcia Tinoco Pacheco<sup>2</sup>, Terezinha de Jesus Reis Vilas Boas<sup>3</sup>

erismar.nunes@ifam.edu, lucia.tinoco@ifam.edu.br, terezinha.vilasboas@ifam.edu.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

II Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG 2022

**Resumo.** Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que investigou experiências de professores em suas trajetórias humanas, por meio das memórias em narrativas autobiográficas, no qual o passado e o presente se embaralham e se (re) constroem. E, nessa imersão, emergem as histórias de vida do professor, o que traz a público os saberes desse profissional e o reconhecimento merecido. Este trabalho utilizou a técnica da entrevista narrativa para analisar a formação do professor do Curso Técnico de Mecânica, na modalidade EJA, no Instituto Federal do Amazonas, Campus Manaus-Centro. O objetivo foi analisar a história de vida de um professor e sua prática de sala de aula como processo formativo, levando em consideração a especificidade do trabalho na Educação de Jovens e Adultos. Para tanto, foram realizadas duas entrevistas narrativas norteadas por esquema temático com duração, proximamente, de 55 minutos cada. O método que se utilizou nessa técnica foi o estudo de caso etnográfico, por acreditarmos que este, na escola, nos ajuda a compreender, via entrevista, o processo formativo docente, no espaço da sala de aula. A pesquisa aponta para a prática diária, como elemento que confronta saberes cristalizados que, por sua vez, são desconstruídos e reconstruídos em uma nova prática pedagógica.

**Palavras Chave.** Narrativas autobiográficas, EPT, Saberes docentes,

**Abstract.** This article presents the results of a research that investigated teachers' experiences in their human trajectories, through memories in autobiographical narratives, in which the past and the present are shuffled and (re)constructed. And, in this immersion, the life stories of the teacher emerge, which brings to the public the knowledge of this

<sup>1</sup> Mestre em Ensino profissional Ciência e tecnologia pelo Instituto Federal, Ciência e tecnologia, IFAM, Manaus, AM-Brasil. E-mail: erismar.nunes@ifam.edu.br

<sup>2</sup> Doutora em Sociedade e Cultura da Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, na área de Linguagem e Representações. Professora Titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, IFAM, Manaus, AM – Brasil. E-mail: [lucia.tinoco@ifam.edu.br](mailto:lucia.tinoco@ifam.edu.br)

<sup>3</sup> Pós- doutora em Educação em Ciência e Educação Matemática da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4292-8934>. E-mail: terezinha.vilasboas@ifam.edu.br



professional and the deserved recognition. This work used the narrative interview technique to analyze the training of the teacher of the Technical Mechanics Course, in the EJA modality, at the Federal Institute of Amazonas, Campus Manaus-Centro. The objective was to analyze the life story of a teacher and his classroom practice as a training process, taking into account the specificity of work in Youth and Adult Education. To this end, two narrative interviews were carried out, guided by thematic scheme, lasting approximately 55 minutes each. The method used in this technique was the ethnographic case study, as we believe that, at school, it helps us to understand, through interviews, the teaching training process in the classroom. The research points to the daily practice, as an element that confronts crystallized knowledge that, in turn, is deconstructed and reconstructed in a new pedagogical practice.

**Key words.** Autobiographical narratives, EPT, Teaching knowledge,

**Resumen.** Este artículo presenta los resultados de una investigación que investigó las experiencias de docentes en sus trayectorias humanas, a través de memorias en narrativas autobiográficas, en las que el pasado y el presente se barajan y (re)construyen. Y, en esa inmersión, emergen las historias de vida del docente, lo que acerca al público el conocimiento de este profesional y el merecido reconocimiento. Este trabajo utilizó la técnica de la entrevista narrativa para analizar la formación del profesor del Curso de Mecánica Técnica, en la modalidad EJA, en el Instituto Federal de Amazonas, Campus Manaus-Centro. El objetivo fue analizar la historia de vida de un docente y su práctica de aula como proceso formativo, teniendo en cuenta la especificidad del trabajo en la Educación de Jóvenes y Adultos. Para ello, se realizaron dos entrevistas narrativas, guiadas por esquema temático, con una duración aproximada de 55 minutos cada una. El método utilizado en esta técnica fue el estudio de caso etnográfico, ya que creemos que, en la escuela, nos ayuda a comprender, a través de entrevistas, el proceso de formación docente en el aula. La investigación apunta a la práctica cotidiana, como elemento que confronta saberes cristalizados que, a su vez, son deconstruidos y reconstruidos en una nueva práctica pedagógica.

**Palabras clave.** Narrativas autobiográficas, EPT, Enseñanza del saber,

## 1. Considerações Iniciais

O que tematizamos, neste texto, é um recorte de uma pesquisa de mestrado, realizada no Instituto Federal do Amazonas -IFAM, na cidade de Manaus-Amazonas, defendida e aprovada em fevereiro de 2021. Um pouco antes de finalizar as entrevistas com os partícipes do estudo, quatro professores que atuam/atuaram no PROEJA, no curso de mecânica, deflagrou-se a pandemia do novo Coronavírus o que impossibilitou de se dá sequência as observações, em sala de aula, uma das técnicas de recolha de dados. Contudo, seis meses de trabalho já tinham sido concluídos, não trazendo, desta forma, prejuízos as nossas buscas.

É neste contexto atípico que a referida pesquisa foi finalizada, em meio ao sofrimento de milhares de brasileiros (as) visto que estávamos submetidos a um vírus quase sempre



letal. Mesmo assim, foi possível, em diálogo com os conhecimentos epistemológicos e as narrativas de quatro professores do PROEJA do IFAM, trazer em tela, experiências de vidas e saberes docentes no cotidiano da sala de aula. Do total de quatro partícipes do estudo, apresentamos nas linhas a seguir, a história de Vagner, o amante do ensino.

## 2. Metodologia

Para traçar o caminho metodológico que norteou a pesquisa, no intuito de gerar conhecimentos sobre a temática, trilhamos o caminho do estudo de caso do tipo etnográfico, dado seu princípio básico: o convívio no cotidiano do outro; o outro que pretendemos apreender e entender. Para isso, usamos como referenciais ANDRÉ (1995), MARTUCCI (2001), URIARTE (2012), OLIVEIRA (2013) E LARCHERT (2017). As histórias de vida foram utilizadas como técnica, na perspectiva de SOUZA (2007), FREITAS; GHEDIN (2015), e QUEIROZ (1988), por meio da entrevista narrativa guiada por um esquema temático.

Para a recolha de dados, três mecanismos foram utilizados: entrevistas narrativas e observações em sala de aula e o diário de bordo. Esta última ação, somada as outras, nos possibilitou a perceber a corporificação ou não das falas. De posse dos dados, realizamos a análise Textual Discursiva (ATD), utilizamos como subsídios teóricos MORAES; GALIAZZI (2006) e tomamos como material de análise as narrativas de vida dos educadores em estudo. O público-alvo da pesquisa foi composto por quatro (4) professores que atuavam no PROEJA.

## 3. Vagner, amante do ensino

Aqui, evoco o professor Vagner para que ele mesmo faça o introito de sua apresentação. Nada melhor do que a própria pessoa para fazer isso, pois assim, ela imprime em sua fala a sua identidade.

*Sou Vagner, professor hoje do Instituto Federal do Amazonas, antes Escola Técnica Federal do Amazonas onde estudei. Sou ex-aluno daqui do curso técnico em mecânica, da 2ª turma dessa escola. Entrei aqui em 1972 e saí formado em 76, depois voltei já para lecionar em 79.*

Ao descrever sua trajetória, Vagner fez uma imersão no seu passado, trazendo em tela episódios onde se entrelaçam relações familiares, meio social e cultural, importantes esteiras na sua formação pessoal e profissional. Durante a nossa conversa, guiada por um



esquema temático, assim como aconteceu com os outros partícipes desse trabalho, o professor trazia relatos intensos carregados de sentimentos que eu, ao ouvi-los, sentia a força vibrante de seu contar, levando-me a querer ouvir mais.

Infelizmente, as palavras escritas nem sempre conseguem transmitir a força presente nelas quando oralizadas, e como acredito que não conseguirei transmitir nesse texto a vibração que o entrevistado emprestava à sua narração, convido o leitor a senti-la nos trechos transcritos ao longo desta seção. Mas, antes, chamo atenção do leitor para não exigir a autenticidade dos fatos, pois o importante é o ponto de vista de quem está narrando (SPINDOLA; SANTOS, 2003).

Iniciamos a nossa conversa, com a sua apresentação, já destacada no inserto que abriu essa seção, onde ele faz um ligeiro resumo de sua trajetória formativa, apresentando quem é, onde trabalha e desde quando ingressou no Instituto Federal do Amazonas. Dono de uma personalidade forte que ele afirma ter herdado de seus pais, hoje aos 70 anos, embora aposentado, continua em sala de aula com o abono de permanência, fazendo jus a uma frase liberada em um determinado momento da entrevista: “*eu nasci para ensinar*”.

Filho de pai militar e de mãe alemã, cuja origem o orgulha, traz em si a marca de uma educação em que a palavra tem peso e, que o cumprimento de seus deveres é questão de honra. No momento em que falou da família, ele nos relatou ter nascido, aqui, no Amazonas, mas que não se considera amazonense. “*Por que eu não sou Amazonense? Porque eu não tenho nenhuma raiz aqui.*” Diz-nos que seu pai era cearense, filho de holandeses, nascido no Iguatu no Ceará, e que sua mãe de origem alemã, que fugiu da guerra de 1936 com a família.

*Minha mãe e família fugiram da Alemanha para a Argentina que foram para Santa Catarina onde o meu pai servia as forças armadas. Lá em Santa Catarina, meu pai conheceu a minha mãe e vieram morar, aqui, na antiga Base Aérea, conhecida como destacamento da aeronáutica. Hoje é conhecida como o sétimo Comar, coisa mais linda que tem! Sétimo comando regional.*

Enfatiza, em sua narrativa, o orgulho da origem de sua família e, que do pai herdou o rigor da disciplina e o cumprir de seus deveres e obrigações e, que da mãe, mulher forte e decidida que soube educar bem os filhos, herdou o equilíbrio necessário nas tomadas de decisões. Ao se reportar o pai, destacou:

*Meu pai foi para a guerra na Itália, onde serviu por dois anos. Quando terminou a guerra, em 1945, voltou e se apresentou em Fortaleza. De Fortaleza, foi transferido para Santa Catarina, porque todos os militares que foram à Europa,*



*na 2ª guerra mundial, e que aguçaram os ouvidos com as línguas italiana, francesa, alemã e inglesa tiveram que servir no Rio Grande do Sul ou em Santa Catarina ou no Paraná onde tinha “forte” de alemães e de seus descendentes.*

Frisou que por causa dos episódios narrados anteriores, o governo, na época, tinha medo de ter um levante de alemães e de seus descendentes no Brasil e, assim, estourar de novo a guerra. Então, frisou o professor que todos os militares que foram para a Europa, como foi o caso de seu pai, foram servir em Santa Catarina, e que caso houvesse alguma conversa suspeita de italianos, franceses ou alemães, eles passariam para as autoridades.

*Em Santa Catarina, meu pai conheceu a minha mãe e, resolveram vim morar aqui, porque sendo militar das forças armadas e namorando uma alemã o pessoal quando descobrisse, sabendo que ele esteve na Europa, não ia dar muito certo. Então, ele em comum acordo com o seu comandante pediu transferência para cá. Aqui, em Manaus a minha mãe pariu, esse é o termo certo, a minha mãe pariu 9 filhos. Ela não deu a luz não, porque ela não é usina de geração de energia! Ela pariu!!! Então minha mãe pariu 9 filhos dentro do mato, tudo parto natural.*

Destaca que o local onde moravam, na Base Aérea, apresentavam muitas dificuldades para ele e seus irmãos estudarem, porque precisavam andar muito para o bairro onde havia escolas com séries correspondentes às suas idades. Foi graças ao tio, por parte paterna, que conseguiu convencer o pai a liberá-lo a morar com ele (tio) de modo que pudesse estudar em uma escola melhor. Assim, à tarde estudava mecânica no SENAI, onde cursou, durante três anos cursos profissionalizantes de mecânica de automóvel e mecânica geral, e pela manhã fazia o colegiado.

*Conclui o ensino básico na escola Carvalho Leal. Em seguida, fui fazer o ensino médio no Rui Araújo. Nesse mesmo tempo, fui trabalhar na Imesa, como estagiário do Senai, na categoria de ajudante de mecânica de automóvel. Na época, essa empresa se localizava em frente do cemitério. Um ano depois, eu já tinha concluído o meu estágio. Nesse tempo, a Imesa assinou a minha carteira como mecânico profissional, pois apresentei a eles o certificado de mecânico do curso do Senai.*

Ao concluir todo o ensino básico, procurou fazer cursos que poderiam prepará-lo para a futura profissão de engenheiro. Primeiramente, ingressou como aluno, através de processo seletivo para cursar mecânica na Escola Técnica.

*Como eu já estava trabalhando de manhã e de tarde, não tinha como continuar estudando durante o dia, então pedi transferência para à noite. Quando concluí, fiz um processo seletivo para cursar mecânica aqui nesta escola, era o famoso mini vestibular. Passei e fiz o curso técnico de mecânica. Assim, na época, conciliou eu formado no Senai em mecânica, trabalhando como mecânico na Imesa e, cursando o curso técnico em mecânica na Escola Técnica.*





O bom filho sempre volta à casa do pai. Essa máxima se encaixa, perfeitamente, ao referido professor, pois após cursar mecânica no Senai, retorna à instituição como instrutor de mecânica de automóvel, assim como mais tarde retorna ao IFAM como professor. Por meio de um concurso, concorrendo com inúmeros inscritos à vaga de instrutor mecânico de automóvel para o Senai, Vagner é selecionado por apresentar um rico currículo formativo que ultrapassava os demais concorrentes.

*Quando eles foram avaliar quem era o melhor, me contrataram, porque eu além de ter dois cursos no Senai, um de mecânica de automóvel e o outro de mecânica geral, eu já tinha concluído o curso técnico em mecânica aqui no IFAM, e já ia fazer o estágio para receber o diploma.*

Diante do novo cenário, agora como instrutor de mecânico no SENAI, Vagner pede afastamento da Imesa. Embora a empresa tenha relutado em dispensá-lo por considerá-lo produtivo, ele se dedica à nova oportunidade, pois *“lá eu tenho chance de estudar, vou trabalhar limpo. Eu vou ensinar mecânica, não está mais consertando”*. E assim, vivenciou 26 anos no SENAI, onde seu trabalho foi bastante valorizado, pois quando teve a necessidade de sair para buscar novos caminhos, assim como na Imesa, o SENAI se recusou a afastá-lo do quadro de funcionários.

Revisitando o passado por força da memória, Vagner trouxe para próximo de si o momento e os motivos os quais permitiram seu ingresso na instituição IFAM, onde ele, há 40 anos, de engenheiro passou a atuar como docente. Ele nos conta que em 1979 quando ainda cursava o 4º período de Engenharia mecânica na UTAM, estava em vigor uma lei que amparava alunos dessa escola que estivessem matriculados no curso de engenharia a se inscreverem para concorrer a uma vaga de professor. Caso fossem aprovados, fariam parte do quadro efetivos dos docentes da instituição. Ele, na condição de aluno, se inscreveu para ser professor do laboratório de metrologia, *“me preparei, fiz o concurso e tirei o 1º lugar!”*

Em fevereiro de 1980, foi chamado para ocupar a vaga e começar a lecionar metrologia na Escola Técnica Federal do Amazonas.

*Estou aqui, na escola, desde 1980 como professor. Me aposentei em 2008, mas permaneci trabalhando. A escola me pediu que eu não saísse, eu também não tinha interesse em sair, então, estou com abono de permanência.*

Com 40 anos de Instituição, acompanhou o processo de mudança para chegar ao que é hoje: de Escola Técnica a CEFET, desde ao IFAM. Hoje, *“temos além do ensino médio*



*integrado e EJA, temos também curso de graduação e de mestrado. Melhorou muito o ensino em nossa Instituição”.*

Ele relembra que a sua saída do SENAI foi impulsionada pela oportunidade de retornar à CEFET como professor de 20 horas, cujo contrato bem mais tarde, sofreu alteração para a dedicação exclusiva.

*Assim, depois que tudo foi resolvido, eu decidi focar só aqui. É claro que foi para melhor. Aqui eu tive mais oportunidade de estudar, de participar de muitos cursos, porque muitas empresas vieram pra cá ministrar cursos. O coordenador, à época, apesar de ter passado a coordenação para mim, ele continuou trabalhando como professor de mecânica e, como era paulista tinha muitos conhecimentos com as empresas paulistas. Por causa disso, o pessoal o procurava muito, quando vinham fazer visitas nas empresas, aqui, em Manaus, aproveitavam vinham também aqui no IFAM. Esse coordenador aproveitava e me apresentava para que eu pudesse aprender a fazer aberturas para que eles ministrassem cursos aqui.*

Vagner lembra que um dos coordenadores do curso de Mecânica que mais se destacou por gostar do que fazia, e principalmente, por lutar e conseguir melhorias para o curso, foi o coordenador Pedro (pseudônimo). “*Ele era bastante preocupado com o andamento do curso”.*

Contou-nos que durante os 12 anos em que Pedro esteve à frente do departamento, vivenciava seu espaço de trabalho, transformando-o em um lugar onde os alunos pudessem dar de si o melhor. Disse ainda que aproveitando o fato de ser paulista, e de ter um vasto conhecimento na área de atuação, além de boas relações como os seus compatriotas empresários, o coordenador conseguiu, por intermédio dessas pessoas, trazer para o IFAM cursos de aperfeiçoamento para alunos e professores o que muito contribuiu para a qualidade do curso.

Vagner fez questão de dizer que além dos cursos ministrados pelas empresas, o coordenador com esforço próprio melhorava os espaços físicos de trabalho.

*Lá em cima tinha o CTM (centro de treinamento em Mecânica), uma sala toda com cortina que comportava mais ou menos 60 pessoas. Lá tinha ar condicionado, televisão, vídeos, som, bebedouro, garrafa de café, ventiladores, com caixa de som com microfones, com tudo só para atender as empresas que vinham de São Paulo ministrar cursos, treinamentos e palestra só coisa fina!!! Não era sala de aula para professor ficar dando aula a toda hora. A sala era na tranca, só o coordenador tinha acesso e depois eu que passei para os outros professores. Ao lado dessa sala tinha uma biblioteca do Curso Técnico de Mecânica, só entrava professor e aluno do curso de mecânica, uma biblioteca que o coordenador deixou com 630 livros, só livro técnico de alta qualidade que a biblioteca não tinha. Esse material, tudo foi conseguido com luta, a escola não comprou um. Ele comprava bicicleta, televisão fazia rifa com os alunos e comprava livros para a biblioteca. Quando ia para São Paulo comprava um monte de livros muito mais barato do que aqui.*



Relatou também que, quando assumiu a coordenação do curso, deu continuidade ao trabalho iniciado pelo seu antecessor, e que ele mesmo tinha sido um dos beneficiados com os cursos oferecidos na instituição pelas empresas paulistas. Vagner disse-nos, ainda, que nessa biblioteca do curso de mecânica apontada no inserto anterior, quando da sua gestão também contribuiu conseguindo obras para o acervo, todavia foi destruído pelo seu sucessor ao cargo.

*Eu ainda consegui colocar mais 300 livros seguindo o caminho do colega, fazendo rifa, churrascada no fim de semana com os alunos para angariar dinheiro para compra de material. Tudo que o meu amigo deixou que eu consegui manter e melhorar durante o período que eu assumir, quando saí, jogaram tudo no lixo!*

A memória trouxe-lhe à tona fatos que o entristeceram, entre eles, episódios que aconteceram à época em que tinha assumido a coordenação. Nesse período, Vagner nos relatou que como tinha viajado a São Paulo para fazer um curso com duração de dois meses, uma outra pessoa teve que assumir o seu lugar na coordenação. No entanto, a gestão dessa pessoa foi pautada na destruição das conquistas alcançadas. Para esse novo coordenador, afirma o nosso entrevistado, todas as melhorias implantadas pelos colegas coordenadores anteriores a ele, eram desnecessárias em um espaço escolar de ensino profissional.

Um outro episódio destacado por Vagner que inclusive me causou também muito tristeza e pesar, foi a destruição de um desenho sobre o mundo da Mecânica, realizado com muito esforço e dedicação. Vagner assim narrou a história do desenho:

*O paulista trouxe de São Paulo um amigo dele desenhista. O cara fez um desenho do tamanho da parede, uma coisa mais linda que tinha e, depois pintou. Tudo ligado à Mecânica. Tinham os antigos carros, mecânicos soldando e consertando, espaçonave subindo, foguetes e tudo mais. O cara desenhou a coisa mais linda que tinha.*

Com tristeza e uma espécie de raiva, o nosso entrevistado relatou:

*O cara simplesmente passou a massa, passou o rodo em cima. Eu olhei e pensei “puta merda”! O meu colega trouxe o cara de São Paulo, que ficou morando na casa dele vários dias para pintar esses desenhos, e simplesmente o cara meteu a espátula com massa, meteu o rodo em cima e acabou com a pintura. Quase eu chorei quando vi tudo destruído, sem cortina e sem nada!! Todos os laboratórios tinham cortinas para quando o professor fosse dar aula durante o dia, o sol não invadisse, não interrompesse a penumbra da sala, dificultando o trabalho. Agora, ao dar aula aqui dependendo do horário, o sol atrapalha tudo.*

Entre tantos fatos interessantes relatados pelo entrevistado, há um que chama a nossa atenção, talvez porque faça parte do cotidiano da instituição, mas que é pouco comentado. Trata-se das tomadas de decisões, e aqui é uma referência à mudança ou à estrutura curricular





do curso. De acordo com Vagner, é quase sempre a mesma coisa, isto é, quando querem fazer algum tipo de alteração, seja na estrutura curricular, seja de outra ordem, o professor e o aluno, figuras centrais do ensino e aprendizagem, nunca são consultados, simplesmente, comunicam, sendo executado em seguida.

Foi o que aconteceu quando retiraram da grade do integrado as disciplinas, entre elas, refrigeração e ar-condicionado. Para a retirada dessas disciplinas, alegaram corte de despesas e que o técnico em mecânica não precisava de tais conhecimentos.

*Nas reuniões aqui, nunca pediram uma opinião nossa, nem coordenador, nem professor, nada!! Quando é com a direção, ela vem diz o que ela quer e encerra. Quando é o chefe do departamento é a mesma coisa, vem diz o que quer à direção e não pergunta a opinião de ninguém.*

Vagner considera que depois de um certo tempo, o departamento de mecânica caiu em uma situação de descrédito, precisando ser revitalizado. Para isso, segundo o nosso entrevistado, apontaram uma outra pessoa para a coordenação. Este, ao se apresentar junto aos professores, disse-lhes que a reitoria o tinha enviado para que ele tentasse “salvar” o curso de mecânica. Vagner disse que não se contentando com a situação, pois não valorizaram as melhorias implantadas, em um rompante disse: “*Rapaz, o Curso de Mecânica, não precisa de muito dinheiro. O que precisa mesmo é de uma pessoa que goste de Mecânica, que queira fazer as coisas*”.

Com entusiasmo, o nosso entrevistado fez questão de enfatizar que cumpre com suas obrigações, independente de cobranças, pois acredita que a responsabilidade é para ser cumprida. Em uma tentativa de esclarecimento do cumprimento de seu dever, ele nos relatou uma aula inusitada. Segundo ele, em um determinado dia, ao ministrar aula de metrologia, a energia decidiu faltar. Os alunos acostumados a serem liberados em situações como essas, imediatamente, pegaram suas coisas fizeram menção de saírem da sala, mas foram surpreendidos com a ação enérgica do professor em decidir dar aula à luz dos celulares.

*Vocês não só vivem com o celular na mão? Sim!! Então, vocês foquem, como eu também vou focar com o meu e vamos ler. Peguei a minha apostila foquei com o meu celular e cada um com o seu. Assim, assistiram aula com celular.*

Em seu discurso podemos evidenciar um professor compromissado com o que faz, talvez por isso usufrua de credibilidade diante dos alunos. Lembro-me dos momentos de observação em sala, em que era notório o grande compromisso do professor com o seu trabalho. Ele se identifica com o que faz, dialoga constantemente, com a turma, durante as explicações, impulsionando, com isso, a curiosidade, motivo principal para o aprendizado.



Além disso, pude perceber, como testemunha de sala de aula, que ele consegue ensinar de forma leve com linguagem simples e acessível conteúdos um tanto quanto complexos, retirados do cotidiano para facilitar a compreensão da turma.

Quando o assunto é aluno, o professor tem um olhar um tanto quanto humanizador, pois para ele, os alunos aprendem, independentemente, da idade, e mesmo tendo dificuldades, aprendem. Para facilitar o processo de aprendizagem, ele nos relata que os alunos precisam vivenciar situações reais, em sala de aula, quando não, em laboratórios, para isso nos diz que cria situações.

A título de esclarecimentos, ele nos contou que como não tem muitos paquímetros<sup>4</sup>, suficientes para todos os alunos manuseá-los, durante as aulas, ele divide a turma em dois grandes grupos. Ou seja, em uma semana vem uma parte da turma, na outra vem o restante. O propósito dessa divisão, é proporcionar aos alunos aulas práticas, além da teoria. A ideia é que eles aprendam na prática o que é um paquímetro, para que serve, ou como usá-lo.

*Aqui eu não dou aula com data show não!! Aula com datashow é enganação. Se eu vou dar aula de matemática, o datashow é excelente! Se for de geografia, o data show é excelente, maravilhoso!! Se vou dar uma aula de motores, prática de motores com datashow é enganação!! Eu tenho que ter o motor e desmontar o motor e mostrar as peças para os alunos. Eles devem acompanhar a desmontagem e montagem, e depois botar o motor pra funcionar. Aí sim, eles vão aprender, mas no datashow é só conversa fiada.*

Segue esclarecendo que tanto o datashow quanto o celular tem suas serventias para determinadas situações, mas não para tudo. Explica que em um laboratório de metrologia a prática é fundamental.

*Uso datashow. Sim, eu uso, mas para trabalhar a teoria, as explicações do paquímetro. Como ele funciona? Quem inventou? Que ano foi? Como aconteceu? Terminou a teoria, tem alguma dúvida? Agora pega os paquímetros, um na mão de cada um, faz aqui na lousa como é a escala dele, como que se mede, dou as peças. Olha ali um monte de peças, podem medir.*

Ele afirma ainda que quando um aluno diz “não sei medir”, ele responde para o aluno:

*Mede errado!! Mas mede e traz ali para minha mesa para eu conferir. Onde tu errar, eu vou dizer, conserta!!” Na outra aula não tem nada de teoria, é só prática. Pega o paquímetro, vamos continuar a medição. Quem terminou traz. Cada avaliação que vou fazendo, eu vou assinando, porque vou contando ponto para somar com a avaliação que eles fazem.*

---

<sup>4</sup> Paquímetro (grego: paqui=espessura e metro=medida), por vezes também chamado de craveira em Portugal, é um instrumento utilizado para medir a distância entre dois lados simetricamente opostos em um objeto. Um paquímetro pode ser tão simples como um compasso.



E continua dizendo que as aulas sobre motores devem ser pautadas quase que, exclusivamente, em aulas práticas e, que as aulas teóricas com uso de *Datashow* servem apenas para encaminhar a aula, direcionando o aluno ao que é explicado. Todavia é “*na prática que eles aprendem*”, enfatiza o nosso entrevistado.

*Como vou mostrar prática em motores no Datashow? Não tem como! Isso para enriquecer a demonstração da teoria é uma beleza, mas para a prática mesmo, o aluno tem que praticar! Como é que o motor é desmontado; como é montado; escutar o barulho de seu funcionamento quando ele (aluno) participou daquela montagem e desmontagem. Isso tem que ser na prática, para isso tem que ter motores. Então, a escola não vai gastar com isso, porque a escola tem muitos equipamentos do velho curso técnico de mecânica da antiga escola técnica federal. O que está faltando? Uma pessoa para manter isso.*

Diante do esquema norteador da entrevista, o professor foi levado a falar de como enxerga o aluno do PROEJA e o que esse aluno representa para ele na condição de professor.

*Não sei como explicar, mas o que eu sinto é que... eu não sou religioso, não acredito em Deus, sou ateu, mas acho que toda pessoa que vem para a Terra ela tem uma missão e, eu acho que a minha missão é de ensinar.*

Diante da resposta do professor, infere-se que o aluno representa uma parte de algo grandioso, já que a sua missão é ensinar, logo, o sujeito aprendiz tem o respeito e o afeto de quem ensina. Ele afirmou que mesmo aposentado continua trabalhando.

*“Tem gente que diz que se disserem que ele já vai se aposentar, no dia seguinte, já não vem trabalhar mais. Eu não!! Estou desde de 2008 e não pretendo sair tão cedo. Eu estou desde de 2008 com abono de permanência, já era para eu ter saído, mas continuo aqui.”*

Quando foi indagado sobre o que é ser professor no PROEJA, respondeu

*“é a melhor turma que eu tenho, é indiscutível. Eles querem realmente ser alguém na vida, não tiveram a oportunidades. A gente percebe neles o maior interesse em se formar, de aprender e de acompanhar as aulas. O pessoal da EJA estuda porque precisam e, muitos já trabalham, já são profissionais, já até trabalham na área de mecânica, faltando a formação necessária de reconhecimento.*

Durante toda a primeira entrevista, o professor se colocava de forma simples, porém vibrante, claramente sem a intenção de autoelogios. Suas colocações ganhavam força e significado ao longo do seu contar, pois era notório a legitimidade do seu “eu” desvelado. Figura forte e de caráter que transmitia em sua fala um entusiasmo vibrante, seja quando falava de algo agradável ou não. E ao falar de sua longa caminhada profissional ora se manifestava com pesar, ora com raiva de testemunhar ao longo dos seus 40 anos de IFAM a falta de vontade de alguns colegas de profissão em fazer bem feito o seu próprio trabalho.



Todavia ao se reportar a si mesmo, o professor trazia em tela parte de sua vida, aquela que lhe interessava desvelar, e nesse contexto a família é o seu alicerce, fonte de segurança e gênese de todo o seu caráter. Força que se entrelaça tanto na sua vida pessoal quanto na vida profissional. Quando perguntado a ele, como se avalia como docente a resposta, prontamente, escapa de sua boca

*Eu me avalio, me olho com muito orgulho!! Primeiro por ser filho de militar das forças armadas. Eu tenho maior orgulho disso aí, porque meu pai era um homem sério, um homem correto. Era militar, não era político, não era advogado, não era jurista. Uma bandidagem danada que a gente vê aí. Meu pai era militar das forças armadas, era um homem sério. Me orgulho também da minha mãe ser alemã, ter me dado uma educação alemã. Nossa educação era peia, não tinha esse negócio de muita conversa não, ela só falava uma vez.*

Ao longo de nossa conversa ora e outra, o professor Vagner retoma a figura de seus pais, e mais de uma vez fez referências a eles o que evidenciou a força ainda presente em sua vida, apesar de já falecidos. Reportou-se aos nove irmãos, que levam a vida em união.

*Na casa que era de minha mãe ainda moram três irmãos. Nós somos nove. Tenho irmão em São Paulo, tenho irmão no Rio, em Brasília e tenho o resto aqui. E três que moram lá para casa. Uma irmã e dois irmãos, um é solteiro ainda, o caçula. O outro é só ele e a mulher. Eles fizeram um puxadinho, né? Puxaram a casa para o lado, fizeram seus quartos com suíte e moram lá. Todo mundo unido. Agradeço a educação que eu tive da minha mãe a experiência de vida, e o conhecimento na área de mecânica agradeço ao meu pai e ao meu tio. Meu pai, porque ele me liberou e ao meu tio porque ele me ajudou. Meu tio era mecânico, por isso era responsável pela manutenção dos carros, mas lá dentro não tinha como me ensinar mecânica. Como ele morava fora da base militar por causa dos filhos que tinham que estudar pediu ao meu pai para eu morar com ele e assim eu poderia estudar em uma escola maior e melhor. Assim foi feito.*

Em relação à falta de vontade dos colegas que mais atrapalhava do que ajudava, Vagner destacou e classificou a ação do colega coordenador que destruiu todo um trabalho realizado no departamento de mecânica, trabalho este que demandou tempo, dinheiro e muito esforço, em ignorância. Vagner nos disse que ao perguntar ao colega o porquê de tal atitude, ele respondeu porque “manter o local limpo e organizado dava muito trabalho e que não recebia para fazer aquilo”.

Vagner destaca ainda que antes desse coordenador fazer o que fez, sempre dizia que assim que alguém, em reunião, levantasse a questão sobre o fechamento do laboratório de motores, ele endossaria. E que assim que chegasse às mãos dele qualquer documento referente ao fechamento do laboratório imediatamente seria assinado por ele. Parece-nos que embora explícita a atitude não proativa de alguns colegas, faz-se necessário aprendermos a conviver com esses colegas, sem nos deixar contaminar pelas suas escolhas e atitudes. No



entanto, posicionar-se claramente contrário a essas posturas é um dever, fato este manifestado por nosso entrevistado.

*Rapaz, vou te contar um negócio, tem gente que estuda para aprender, outros estudam para ficar burro!! Você é um camarada que estudou, se formou, mas ficou burro, porque se eu tenho um curso técnico em mecânica quanto mais abri a mente do aluno, quanto mais formar esse aluno, quanto mais conhecimento esse aluno tiver, melhor ele será. Ele corre para qualquer área. Era o nosso caso, quando nós estudamos, aqui, no antigo curso técnico de mecânica de 4 anos, a gente aprendia coisas sobre avião, sobre navio, sobre carro, sobre a indústria. Aqui tinha laboratório de fundição.*

Como personagem de longos anos transitando na realidade interna da Instituição, por intermédio de seu olhar é possível rever alguns acontecimentos calados no silêncio do tempo, como foi o caso de um dos coordenadores que por amor ao que fazia não media esforços para trazer melhorias ao Curso. Da mesma forma, da ação pouco louvável de um outro colega que não mediu esforço para desfazer o que deveria ter dado continuidade.

#### **4. Considerações finais:**

Trabalhar com histórias de vida, seja como método, seja como técnica, permite enxergar, por meio das narrativas pessoais e profissionais, experiências de trabalho, implicações da profissão, e ainda, outros tantos de nós. Pois, no outro há muito de mim, assim como, em mim há muito do outro. O trabalho investigativo a partir da lógica das narrativas docentes nos diz que, assim como o cotidiano, as histórias de vida podem oferecer informações coerentes pela natureza, capazes de possibilitar a compreensão de uma dada realidade. Desta forma, elas revelam “quem somos nós”, o que “sabemos”; o que “pensamos”; o que “sentimos”; o que “fazemos”; e “como fazemos” e o que aprendemos em nossos percursos formativos.

Assim, é possível um professor se perceber na história de vida de um colega pela reflexão crítica dos fatos vividos, criando-se espaços que oportunizam a ele questionar suas vivências e seus aprendizados, provocando, desta forma, um (re) aprendizado. Nos depoimentos de Vagner, por exemplo, a trajetória profissional do docente se entrelaça à formação pessoal construída em diversos espaços, ambas constitutivas de sua identidade, revelando um perfil docente original que imprime no faz a sua personalidade.

Desta forma, por meio da história de vida, é possível identificar experiências formadoras e momentos de autoformação capazes de favorecer e de reorientar o trabalho





docente.

## 5. Referências:

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

FREITAS, L. M. GHEDIN, E. L. **Narrativas de formação: origens, significados e usos na pesquisa-formação de professores**. Revista Contemporânea de Educação, Vol.10, nº19, janeiro/junho de 2015.

LARCHERT, J. M. O estudo de caso do tipo etnográfico na pesquisa em educação. In:

MARTUCCI, E. M. **Estudo de caso etnográfico**. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Vol.25, nº2, p. 167-180, 2001.

MORAES, R. GALIAZZI, M. do C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

OLIVEIRA, A. **Etnografia e pesquisa educacional: por uma descrição densa da educação**. Educação Unisinos. São Leopoldo, Vol.17, nº3, p. 271-280, 2013.

QUEIROZ, M. I. P. de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. de M. (Org.). **Experimentos com história de vida**. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

SOUZA, E. C. de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In.

SPINDOLA, T. SANTOS, R. da S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Rev Esc Enferm. USP São Paulo**, v.37, n.2, p.121, 2003.

URIARTE, U. M. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe 11 Revista do núcleo de antropologia urbana USP**, São Paulo, 2012.